

BRANCO. E. NEGRO



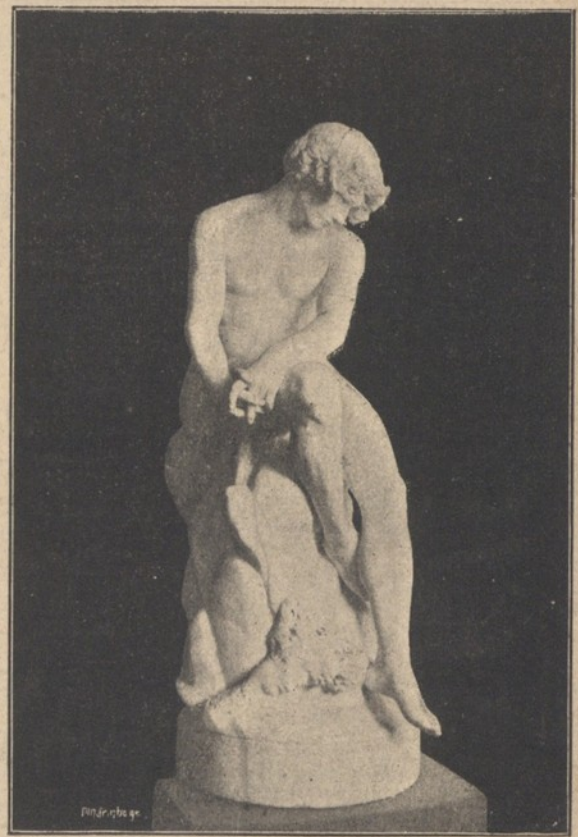
numero

1



P. Marinheg

O DESTERRADO
Por Soares dos Reis



Pin. dr. y. h. g.

PREÇO 50reis

O BRANCO E NEGRO

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA PARA PORTUGAL E BRASIL

Editor responsavel J. DO PATROCINIO G. DE SOUSA — IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA, Rua do Norte, 91
Redacção e administração: RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 45, 1.º — LISBOA

Preço das assignaturas (pagamento adiantado)

PORTUGAL, HESPAÑHA, MADEIRA E AÇORES		AFRICA PORTUGUEZA	
Tres mezes (13 numeros).....	650 réis	Seis mezes (26 numeros).....	1\$500 réis
Seis » (26 »).....	1\$750 »	Um anno (52 »).....	3\$000 »
Um anno (52 »).....	2\$500 »	Numero avulso 60 réis	
Numero avulso 50 réis		BRASIL E DEMAIS PAIZES	
PAIZES DA UNIÃO POSTAL		<i>(Moeda forte)</i>	
Seis mezes (26 numeros).....	8 francos	Seis mezes (26 numeros).....	3\$000 réis
Um anno (52 »).....	16 »	Um anno (52 »).....	6\$000 »
		Numero avulso 500 réis (moeda fraca)	

O importe da assignatura, sendo a cobrança feita pelo correio, accresce de 80 réis, podendo, porém, ser-nos enviado esse importe em vale do correio, ou carta registada.

Preço dos annuncios

DIMENSÕES DOS ANUNCIOS	PAGINAS DE DENTRO		PAGINA DE FÓRA		ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS
	Por uma publicação	Por mez, 4 publicações	Por uma publicação	Por mez, 4 publicações	
1/8 de pagina ..	\$750	2\$000	1\$500	4\$000	Annuncio de 15 palavras, cada publicação. 200 réis
1/4 de pagina ..	1\$250	3\$000	2\$000	6\$000	Cada palavra a mais 20 »
1/2 pagina	1\$500	5\$000	3\$000	7\$000	OBSERVAÇÕES
Uma pagina ...	2\$500	7\$000	5\$000	10\$000	Os nossos annunciantes, excepção feita aos annunciantes telegraphicos, recebem gratis o jornal.
					A tabella para o Brasil é a mesma, sendo os preços cotados em moeda forte.
					Demais informações na administração do jornal.

Os autographos sejam ou não publicados, não se restituem.

Na tabacaria *La Lidia*, rua do Principe, 122, ha uma caixa especial para a recepção da correspondencia destinada a *O Branco e Negro*.
Agencia no Porto: CENTRO DE PUBLICAÇÕES de Arnaldo José Soares, Praça de D. Pedro, 125 e 126.

FABRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA

TOJAL

Especialidade em papeis de impressão, de escrever e de cartuxo calandrados

PAPEIS DE TODAS AS QUALIDADES

DEPOSITO

101 — RUA DOS CAPELLISTAS — 103

LISBOA

Fornecedor das repartições
do estado, camaras, escolas, ban-
cos, companhias, etc., etc.

TYPOGRAPHIA - LITHOGRAPHIA

Unicos depositarios das verdadeiras

LETRAS ESMALTADAS

RUA DO OURO
PALHARES
PAPELARIA

Deposito Exclusivo do Papel RAINHA D. AMELIA



João Velloso Feijó

Com estabelecimentos de **TABACOS, CAMBIO E LOTERIAS**—Grande sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros, boquilhas e outros artigos para fumadores, bilhetes e cautellas da loteria.—Rua da Bitesga, 51.

OURIVESARIAS E RELOJOARIAS—Compra, vende e concerta relógios, objectos de ouro e prata, pedras preciosas e caixas de musica, **TRABALHO GARANTIDO**—PREÇOS COMMODO.—Rua da Prata, 299 a 303.

Succursal—120, R. da P. da Figueira, 124—Torreão

CAFE-RESTAURANT—Grande sortimento de vinhos finos engarrafados, cognacs, generas nacionaes e estrangeiras, cervejas, gazozas, etc., **ALMOÇOS E LUNCHS**.—Rua da Bitesga, 53 a 55.

LISBOA

GRANDE ALFAYATERIA AFRICANA

— DE —

EVARISTO NOGUEIRA & BRANDÃO

Lindissimo e variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras de diferentes qualidades

Fatos acabados com a maxima elegancia e bom gosto

Enviem-se amostras a todos os freguezes que as requisitem.

Para os freguezes da Africa, Brazil e provincias encarregam-se os proprietarios d'esta alfayateria de satisfazer quaesquieres pedidos para o que tem escriptorio de commissões e consignações

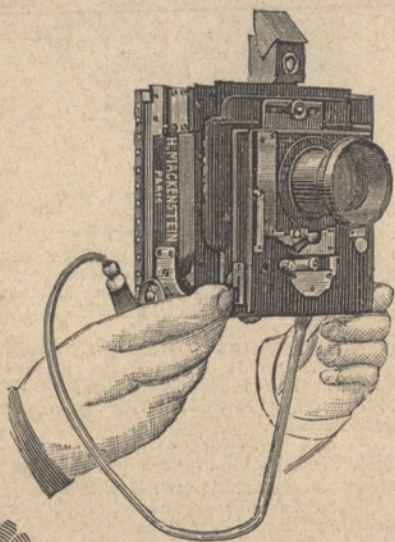
33, Rua da Victoria, 37

93, Travessa da Palhã, 95

— LISBOA —

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO WORM & ROSA

135—Rua da Prata—137
LISBOA



Machinas photographicas, completas, em todos os formatos, placas e papeis sensiveis. Utensilios e productos chimicos especialmente fabricados para a photographia, e cartongens.

DEPOSITARIOS: da Actien-Gesellschaft fur Anilin Fabrikation de Berlim Reveladores photographicos privilegiados.

BOBINA CENTRAL

Os ultimos modelos das machinas de costura da importante e acreditada Companhia Singer são as Bobina Central. Os seus resultados são surprehendentes em economia de tempo perfeito trabalho e duracão.

SÃO AS MACHINAS FIM DE SEculo

A prestações e a dinheiro

105 e 107, Rua do Loreto, 105 e 107

LISBOA

36, Largo do Conde Barão, 36

10, Calçada da Graça, 10

111, Rua da Junqueira, 111



REAL COGNAC DE VINHO

SUCCESSORES DE
José Guilherme Macieira & C.^a

— JOSÉ MARIA MACIEIRA —

AVENIDA DA LIBERDADE, 124

— PRODUÇÃO ANNUAL 200.000 LITROS —
EXPORTAÇÃO PARA

Inglaterra, Alemanha, Brazil
e Africa

LISBOA



O Branco e Negro

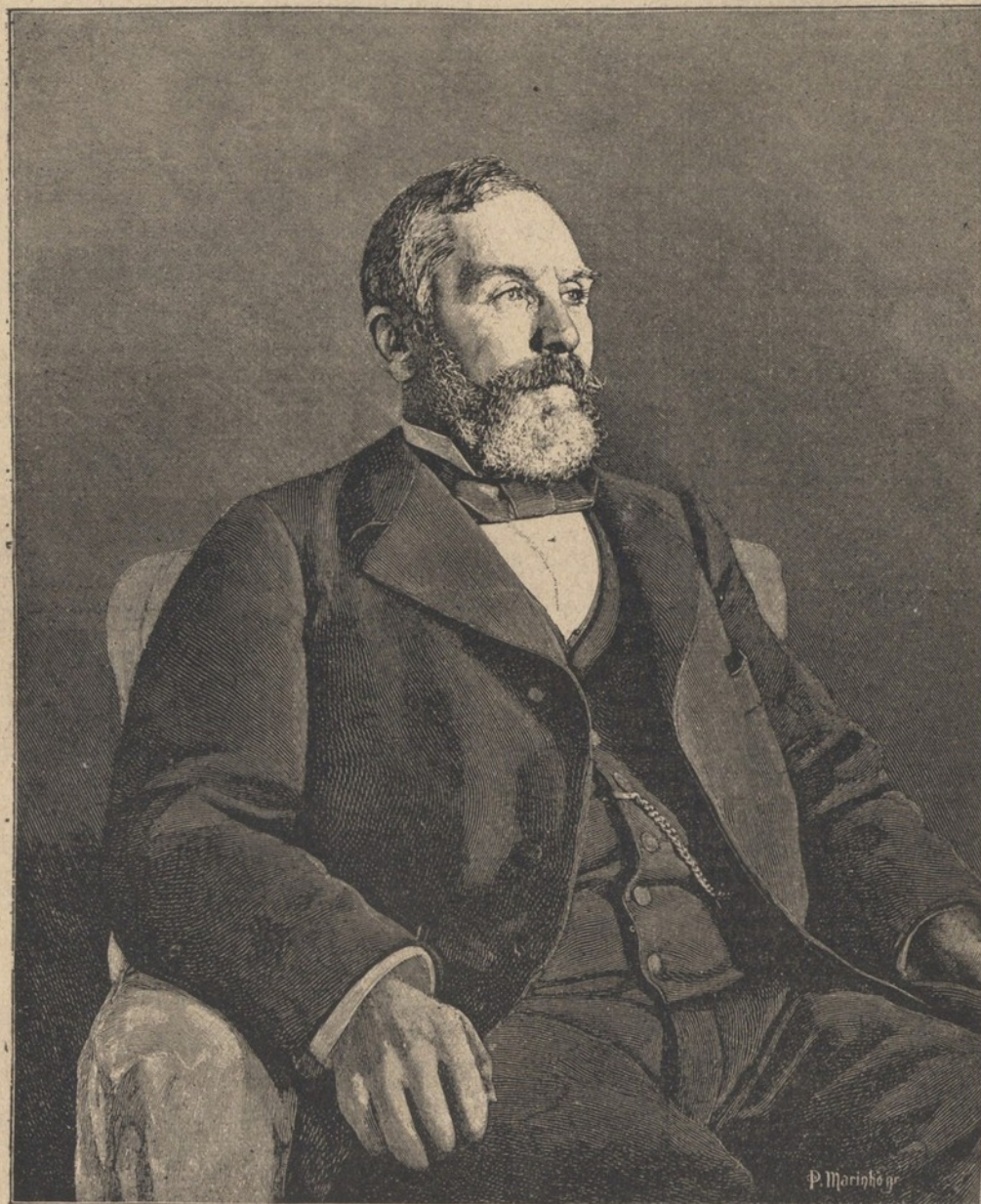
SEMENARIO ILLUSTRADO

Director artistico, Conceição Silva — Caricaturas de Gelso Herminio e Jorge Collaço

ANNO I

Lisboa, 18 de Março de 1899

NUMERO 1



EMILIO LOUBET

O novo presidente da Republica Franceza

FRANÇA



Madame Loubet

PASSADOS os primeiros momentos de hesitação que precedem sempre ou as grandes calmarias ou as grandes borrascas, entrou enfim, a França, patria intellectual, no caminho seguro de futuros progressos, tendo a governal-a um homem de pulso firme e de raras qualidades de patriota.

É para elle que actualmente convergem todas as attentões da Europa e é d'elle que a França espera a sua tranquillidade e o seu bem estar no interior e a sua consideração no estrangeiro.

A mãe de Emile Loubet, que é uma velhinha de 86 annos, a quem um jornalista francez entrevistou contou-lhe a maneira como recebeu a noticia da eleição do seu amado filho e os primeiros passos, da sua infancia e mocidade.

—Estou muito contente, disse a sr.^a Loubet, muito feliz. Que bom rapaz que é o meu Emilio! Mas estou com receio de o ver agora menos vezes. Vae estar tão occupado, o pobre filho! Nem sequer terá tempo de vir ver sua velha mãe.

Quer que lhe diga como soube a sua nomeação? Por um telegramma de meu neto, concebido nos seguintes termos:

«Pae eleito, 483 votos. Beijos de todos: Paul Loubet.»

A noite vieram a minha casa o prefeito do Drôme, o sub-prefeito, o primeiro adjunto do maire de Montélimar, dar me a noticia e felicitar-me. Como eu estava contente!

Logo que chegava a Montélimar a sua primeira visita era para mim. Muitas vezes escrevia-me.

Ultimamente, estive doente. Sem me prevenir,

telegraphou de Paris ao medico de Montélimar para me vir ver.

Quer saber como se passou a infancia do meu Emilio? Já viu como estamos aqui distantes de Marsaune onde nós podiamos mandar a creança á escola communal. Desde muito pequeno que foi mettido n'um collegio, apesar de não querer, porque a sua vontade era ser cultivador. Mas seu pae, que foi maire de Marsaune durante trinta e sete annos, desejava que elle fosse advogado. E Emilio obedeceu.

Feitos os primeiros estudos no lyceu foi para Paris, tomou o grau de doutor em direito e veio fixar residencia em Montélimar, onde exerceu a profissão de advogado, e casou em 1869 com Mademoiselle Pilard. Conhece bem a sua carreira politica para que eu lh'a conte.

Quando elle aqui vinha passar as ferias custava-lhe muito a ir-se embora, adorava tanto a casa paterna! Os trabalhos agricolas interessavam-o muito.

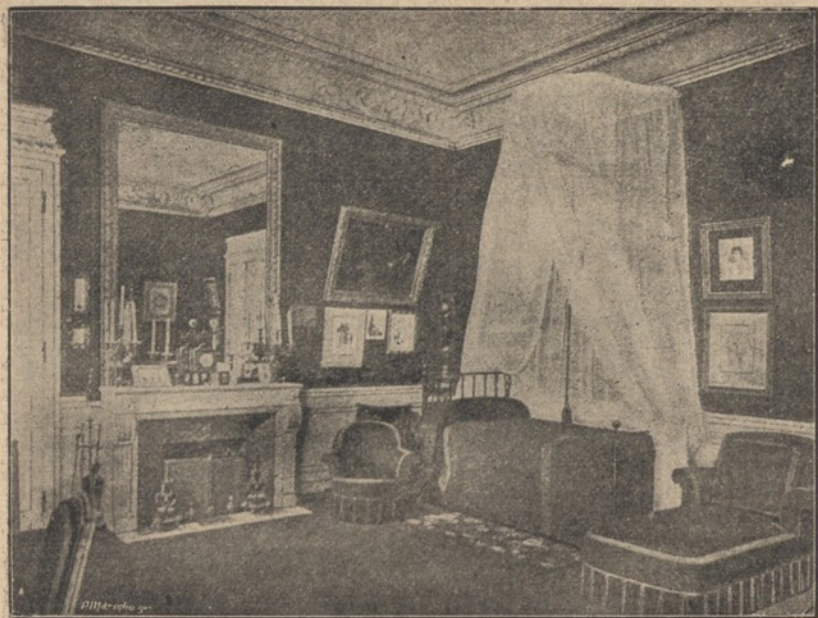
O senhor diz que devo ir a Paris ao Elyseu? Estou já muito velha. Ha vinte annos que elle me pede para o ir ver. Nunca me pude decidir a fazer a viagem. Elle é que ha-de cá vir. Aqui só o esperam recordações e affectos. Estou persuadida de que fará a viagem com prazer, porque elle amamos como todos nós o amamos.»

Tocante simplicidade a d'estas declarações!

Logo que qualquer presidente de Republica deixa de exercer aquelle logar e que outro o occupa, indo installar-se no Elyseu, a régie dos palacios nacionaes põe-se á sua disposição para realisar as modificações que elle indicar nos aposentos que lhe são



A mãe de Loubet recebendo a noticia da eleição



Quarto de dormir de Loubet

reservados. Estas modificações dependem da composição da familia presidencial, dos gostos pessoas do presidente e de sua mulher para a decoração do seu *home*.

O mobiliario do Elyseu é fornecido pelo Garde-Meuble nacional, que está administrativamente ligado á direcção das bellas-artes.

O Garde-Meuble é ao mesmo tempo um museu nacional de mobiliario historico e a reserva de moveis, tapeçarias e moveis ornamentaes das grandes repartições publicas francezas. E d'ali que sahem os objectos decorativos das festas e cerimoniaes publicas, — comprehendendo os funeraes de um chefe de Estado.

No caso em que o mobiliario do Elyseu desagrade áquelle que toma conta do cargo de presidente, o Garde-Meuble substitue-o, na medida dos seus recursos e das suas reservas. Outro detalhe: se um ou outro movel de um palacio nacional convem ao chefe d'Estado, esse movel é deslocado e transportado para o Elyseu, a não ser que esteja classificado n'uma collecção que forme museu.

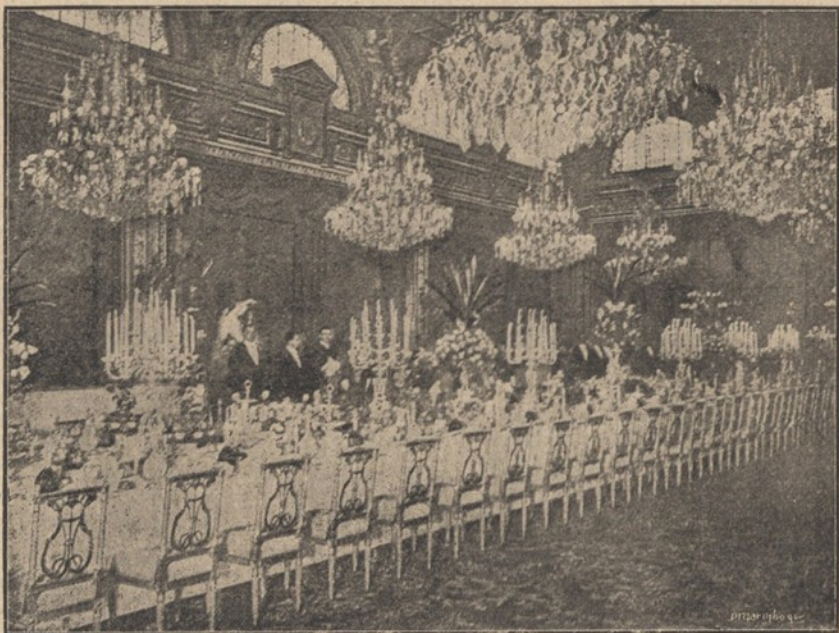
A observação relativa ao mobiliario applica-se ás tapeçarias, aos tapetes, reposteiros, etc.

O usufructo concedido pelo uso ao presidente da Republica, em razão das suas altas funcções, comprehende não só os palacios e o seu mobiliario, mas os parques, jardins, e, geralmente, todas as propriedades annexas aos palacios. Resulta d'ahi que nos jardins ou parques se podem fazer transformações para satisfazer os desejos do chefe do Estado. Os jardineiros-chefes, os conservadores e guardas dos palacios recebem directamente as ordens do presidente ou por intermedio da direcção dos edificios publicos.

Emile Loubet «não tem historia.» Na presente conjunctura, esta constatação negativa toma um grande valor significativo. Effectivamente, até ao dia da sua eleição á mais alta magistratura da Republica, Emile Loubet não deu que fallar de si, nem d'elle se contam anedotas.

A modesta origem d'este filho de um pequeno proprietario foi mais um titulo para os suffragios d'aquelles que pensam, que todo o bom cidadão francez,

por pouco que o destino lhe seja favoravel, tem no seu bolso, o diploma de presidente da Republica, assim como no tempo em que o marechalato existia ainda todo o bom soldado tinha na sua patrona o bastão de marechal de França.



Sala de banquetes do Elyseu



Chronica

SE os leitores encontrarem algum atrazo n'estes ligeiros apontamentos, a culpa foi da inevitavel demora da organisação dos serviços do jornal.

Houve de tudo á farta nos oito dias, a cujo decorrer brevissimo tenho de consagrar algumas linhas nas columnas d'*O Branco e Negro*. Até o proprio tempo, como um artista de fama, quiz evidenciar todos os recursos, percorrendo a escala completa das suas multiplas aptidões.

Tivémos a principio um vendaval medonho, que deixou tristemente assignalada a sua passagem devastadora. Desceu bruscamente a temperatura com um rigor improprio das proverbiaes amenidades do clima lisboeta. A cidade, enlameada e friorenta, apresentava n'esses primeiros dias da semana um aspecto verdadeiramente desolado.

*

Uma ligeira aberta n'esta insolita violencia da inverneira, permittiu aos estudantes da Escola Medica a funambulesca celebração do famoso *Millenario de Hippocrates*, que foi um consolador parentese de alegria na insupportavel insipidez, tão caracteristica do nosso viver urbano. Graças á iniciativa galhofeira dos rapazes, a pacatissima capital portugueza poude fazer uma ideia bastante approximada do espirito travêsso e azevieiro dos estudantes de Paris, onde estas *pochades* imprimem á celebração da *mi-carême* uma feição hilariante e inolvidavel.

*

A *serração da velha*, o tradicional intermedio de folguedos que em tempos idos tornava menos pesado o rigor da penitencia quaresmal, foi ainda em Lisboa o pretexto de um baile de mascarar no theatro da Trindade. Todos conhecem, porém, demasiado, o que é e o que vale esta diversão desconsolada, o mais frisante documento da grosseria e brutalidade da folia nacional. Não gastaremos, portanto, mais palavras na descripção d'esse pseudo-divertimento.

*

Amainou de subito a procella, subiu como por encanto a temperatura, seccaram-se as lamas em todas as ruas da cidade, e a população poude emfim expandir-se alegremente, innundada pela brilhante luz do nosso ardente sol peninsular. Recomeçaram as bellas tardes da Avenida, onde as arvores já apresentam as timidias primicias da florescencia primaveral.

*

Quem durante essa semana despertou devéras a curiosidade, foi o *Bigode*, o triste heroe do crime do Casal da Carapinha perto de Almada. Accusado do barbaro assassinio de sua prima Isidora Miraldes, crime praticado em circumstancias que profundamente emocionaram todo o paiz, o indigitado criminoso negou até ao fim a sua culpabilidade com uma teimosia que dá muito que pensar. Foi condemnado pela opinião unanime do jury, como já o havia sido ha muito pela voz do povo, horrorisada pela barbaridade do crime e acirrada e desvairada pelas insinuações da imprensa periodica. Mas este facto não pode suffocar a duvida, e essa existe sempre, quando em processos d'esta ordem não surgem provas irrefutaveis. A justiça humana fulminou com a maior das penas do nosso codigo o criminoso, e a sentença foi recebida com applausos pela maioria da

opinião, profundamente indignada contra o auctor do revoltante crime. Mas se o *Bigode* fosse um innocente?

Esta hypothese, no actual momento, quando em França se debate o processo Dreyfus, que tambem pode ter sido o mais pavoroso erro judiciario dos nossos tempos, não deixará de causar calafrios ainda ás pessoas menos impressionaveis.

*

A justiça dos homens nunca poderá estar bem segura dos seus feitos, por maior que seja a meticulosidade dos seus processos. Deixem-me alludir aqui, a proposito d'isto, á proxima appareção do novo *Codigo Penal Portuguez*, que muitos suppuzeram ser da lavra do sr. ministro da justiça, quando a verdade é bem diversa de semelhante presumpção. Essa reforma penal foi elaborada por dois magistrados de elevada competência, cujos nomes aqui deixamos registrados:— os drs. Trindade Coelho e conselheiro F. da Veiga.

*

Se n'esse trabalho dos dois notaveis jurisperitos apparecesse uma penalidade qualquer para certos innovadores, que, levados pela ambição do lucro, pisam aos pés as velhas praxes e estragam tudo aquillo em que se mettem, muito seria para agradecer essa lembrança. Estão n'este caso os modernos emprezarios de touradas, que antecipam cada vez mais de anno para anno o dia de inauguração d'este divertimento, esquecendo-se de que elle só póde despertar interesse e enthusiasmo, nas tardes magnificamente illuminadas pelo sol peninsular. O tempo deu um optimo correctivo a semelhante desvario, apresentando-se carrancudo e intransigente na tarde do primeiro domingo de março, já por elles soffregamente destinada para a inauguração da época tauromachica. Não esperem que esta lição lhes aproveite. A empreza da praça do Campo Pequeno addiu a primeira corrida para domingo 19 do corrente. As outras emprezas não estiveram pelos ajustes, e já no ultimo domingo deram começo á nova época. Ainda havemos de ver touradas no 1.º de janeiro, se Deus nos der vida e saude. Os commentarios, o damno, que esta prèssa dos srs. emprezarios de touradas causa ao divertimento predilecto do povo portuguez, fica para outro ensejo e para maiores larguezas de espaço.

*

E' pena que esse espaço tanto nos escasseie, quando nos estão accudindo aos bicos da penna assumptos interessantes dos ultimos dias, bem dignos de registro na verdade.

Podemos dar as boas vindas á primavera, que se dignou emfim entremostrar os seus alegres sorrisos, atravez das ultimas brumas do inverno moribundo. Lisboa apressa-se a fazer á gentil estação das flores o mais cordeal acolhimento, inaugurando as festas habituaes d'esta quadra, adoravel pretexto para a exhibição das primeiras *toilettes* impregnadas de frescura.

*

O Gremio Artistico foi pontual, como de costume. Na ultima quarta-feira, abriu a sua exposição de arte, que está sendo muito concorrida. O *Branco e Negro* não deixará por certo de se referir mais largamente a este certamen importante, logo que esta barafunda de uma complicada installação lh'o permitta. O que posso desde já dizer aos leitores, é que a exposição actual não é inferior ás dos outros annos, apesar de não terem sido mais numerosos que de costume os artistas concorrentes.

Pena é, no emtanto, que os artistas nacionaes se vejam obrigados a expôr os seus trabalhos n'aquellas tristes salas da Academia de Bellas Artes, onde os effeitos de luz são detestaveis, onde o calôr é asphyxiante, onde tudo conspira, desde a mesquinhez da installação até ao aspecto miseravel do edificio para afugentar o publico, que não costuma já de si fazer-se muito rogado para votar a arte e os artistas ao desprezo mais completo.

N'este paiz, em que tanto dinheiro se tem esbanjado, ninguem se lembrou jámais de edificar um palacio magnifico destinado a exposições permanentes dos diversos ramos da actividade nacional. Não quero perder o tempo em censuras á iniciativa do Estado, que essa, pobre d'ella, foi sempre a deploravel e impenitente desleixada, que só nos tem sabido causar miserias e vergonhas. Mas os argentarios, que por ahi se queixam a cada canto d'este paiz perdido, esses são os principaes culpados do atraso em que tudo por ahi se encontra, porque a verdade é esta: — suas mercês, nem sequer sabem gastar dinheiro, a não ser nas emprezas das casas de prégo ou nas famosas Academias de Bilhar.

ARMODIO.

ARMINHO



ERA alli num quarto andar da rua dos Fanqueiros, ao lado daquella mulher gorda que vende ovos na Praça da Figueira, e mesmo por cima das Rodrigues, duas fêmeas janelleiras e perliquitetes que fazem andar em bolandas a cabeça empastada e luzidia da caixeirada do quarteirão.

Naquélle quarto andar morava o Lopes, que tinha loja de retroseiro lá em baixo, á esquina da rua, em frente da botica, e a quem a mulher, a D. Josefa, morrêra tísica, numa noite ventosa de dezembro, deixando-lhe uma bonita criança de oito annos, a *Nini*.

Quando morreu a D. Josefa, o Lopes sentiu lá dentro umas ânsias de morrer, para ir dormir ao lado da sua mulherzinha, no Alto de San-João; e a *Nini* abraçou-se ao pai, soffocada de soluços e coberta de lágrimas.

Quem não desgostou de que a D. Josefa se fôsse desta para melhor, foi a Jacinta, criada, por cujo encétalo minhôto passou a feliz ideia de uma successão illegitima.

A Jacinta viera da Maia. Vermelhaça, roliça, de olhos gázeos e peito proëminente, tôda se derrengava num saracoteio provocante,

sempre que passava ás vistas do patrão: e, quando a ama fechou o ôlho, deu-lhe rebate a ambição, e entrou no quarto do Lopes, pâra o animar, tão acabrunhado o via:

— Então! senhor Lopes! Não se afflija! A vida é isto; ella pagou, e nós havemos de pagar. Os arranjos da casa não soffrerão com isso. Bem sabe que eu...—

O Lopes olhou severamente para a maiata. Têve vontade de a pôr na rua, mas conteve-se, e abraçou ainda mais a filha.

*

Em casa não havia mais ninguém, se não falarmos de *Arminho*.

Arminho era um bonito cão, com que umas meninas de Paço de Arcos tinham brindado a *Nini*. De corpo meão, pêlo fino, emmaranhado e alvissimo, olhar intelligente e meigo, o *Arminho* era fiel partícipe das tristezas da sua pequenina dona e no regaço della se refugiava contra os maus tratos da Jacinta.

Nini, em quanto o pai aviava torças e passamanes, não conhecia outros carinhos nem outros affectos, senão os de *Arminho*. Comprehendiam-se e mutuavam-se tristezas e saudades, numa identificação amorável de sentimentos e destinos.

Quando o Lopes vinha jantar, achava muitas vèzes os dois amiguinhos adormecidos no sofá, — a *Nini* com o braço á roda do pescôço de *Arminho*, e elle com a bôca amorosamente collada ao pescôço da dona, como a communicar-lhe os sonhos que os embalavam a ambos.

O pai revia-se naquélle innocente quadro, despertava suavemente a filha, e dirigiam-se para a mēsa, onde *Arminho* lhes fazia companhia, saboreando, donde em onde, as gulodices que a *Nini* lhe offercia.

A Jacinta ralava-se de vêr que o animal lograva mimos e extremos que ella desejaría para si, mas desafogava a ralação quando, ás escondidas, podia estendêr o cabo da vassoira no lombo do animal e privá-lo das sopas que devia dar-lhe na cozinha.

Julgava-se feliz quando a ama se finara, mas inda alli tinha dois empecilhos, que prendiam os cuidados do Lopes: a *Nini* e *Arminho*. Se a peste os levasse...

*

Não veio a peste, mas um dia a *Nini* despertou afogueada de febre, com os olhos estranhamente brilhantes e a voz velada.

Veio o doutôr Sangrado, tomou o pulso, viu ou fingiu vêr a lingua e:

— Não é nada. Simples constipação. Ponham-lhe dois sinapismos, dêem-lhe um pedilúvio e voltarei amanhã.—

A *Nini* passou uma noite horrorosa: convulsões, soffocações, calôr intensissimo.

Arminho geñia aos pés do pequeno leito, e o Lopes descorçoava-se. Quando amanheceu, foi chamado o doutôr que, observando a lingua da doente, viu branquejar falsas membranas na extremidade da bôca e teve um gesto de aborrecimento.

— Que é, doutor? — inquiriu o Lopes.

- Uma angina.
- De mau carácter?
- Diftérica.—

O Lopes empallideceu. Ouvira sempre horrôres de tal doença. Mas o médico observou:

— Não há de sêr nada. Umás gôtas de bromo, inalações de enxôfre... É verdade: mande vir uma zâragatôa pâra cauterizar. E não será mau espalhar pêla casa umas gôtas de fenol...—

*

Decorrêram horas angustiosas. O cautério da zaragotôa arrancava lamentos á pobre criança, correspondidos pêlos profundos mas indecisos lamentos de *Arminho*.

De nada valeu a medicação do doutôr Sangrado. A asfixia aproximava-se rapidamente, e só restava um recurso: a traqueiotomia.

O doutôr Bordalo prestou-se á bárbara operação, mas a criança expirou, ao martirizá-la a sciencia.

*

Arminho não succumbiu, mas comprehendeu que a *Nini* já lhe não podia fazêr afagos, e fechou os olhos, lavados de lágrimas, na dolorosa contemplação íntima da sua desgraça e do seu insulamento.

Quando o caixão mortuário, ainda aberto e estendido numa banquêta da sala, deixava vêr o pequenino cadáver, coberto de flôres, *Arminho*, vendo que ninguém o notava, ergueu-se em pé e beijou as mãozinhas geladas da *Nini*, deixando-lhe cair no seio uma lágrima de infinita amargura e de imperecível saudade.

Aquella piedosa homenagem era todavia um desacato, no conceito gordurôso da maiata, que, com uma paulada, obrigou *Arminho* a retirar-se pâra debaixo da banquêta.

Vieram depois uns homens vestidos de negro, fecharam o caixão e levaram-no, escada abaixo, com palavras reles, que trescalavam aguardente.

Quis acompanhá-los o *Arminho*; mas uma sombra, que êlle mal distinguiu por entre lágrimas, cerrou a porta da escada e enxotou-o violentamente pâra o sotam. Era a Jacinta, que respirava emfim, por não havêr em casa, senão ella e o Lopes.

Arminho não era gente.

*

Mas a serva errava os cálculos. O Lopes, depois da morte da filha, tornou-se sorumbático, taciturno. A noite, em vêz dos sorrisos da Jacinta, procurava os cafês e as casas de jogo, a vêr se espancava as sombras que lhe afogavam o coração.

Lá por noite velha, quase manhan, subia a escada, tirava do bôlso a chave do trinco, e entrava em casa, á hora em que a Jacinta resonava estrondosamente, na digestão da murcella e da açorda com que alimentava as suas aspirações á successão da D. Josefa.

Arminho porém, que passava as noites desveladas, alanceado de máguas e torturado de fome, ao ouvir os passos do Lopes, descia do sotam e ia dar-lhe os bons dias e queixar-se da fome que soffria e dos maus tratos que a serva lhe infligia.

Arminho dizia lhe:

— Tenho fome! Tratam-me mal! Ninguém me ama!—

Mas o Lopes não comprehendia a linguagem de *Arminho*. Nunca imaginou sequer que os animaes, como o homem, tivessem uma linguagem.

Não nos admiremos.

Entre os próprios naturalistas, tem havido quem estudasse a linguagem das môscas, das abêlhas e de outras raças da escala zoológica; mas,— que eu saiba,— ainda ninguém estudou a linguagem do

animal mais intelligente e sensível depois do homem, se não antes,— o cão.

(*Continúa*).

CANDIDO DE FIGUEIREDO.





Artistas de Theatro

Destinado á consagração dos que no palco se impõem á admiração do publico, aqui fica este logar de honra. Abrindo esta secção *O Branco e Negro* prestará homenagem áquelles que pelo estudo e pela intelligencia conquistarem um logar proeminente no theatro.

AMELIA LOPICCOLO

O Brazil, onde a actividade portugueza se manifesta por tão variadas e brilhantes maneiras e para onde tantos artistas dramaticos portuguezes vão procurar expansão ás suas ambições e consagração aos seus talentos, mandou-nos agora por sua vez, uma das artistas mais queridas das suas platéas, que não sendo nem portugueza nem brazileira adoptou a lingua dos dois paizes irmãos para revelar os grandes dotes artisticos que a salientam no theatro.

Amelia Lopiccolo é essa artista, e *O Branco e Negro* apresentando-a hoje aos seus leitores presta uma homenagem merecida e sicera a quem por uma fôrma tão brilhante veiu honrar a scena portugueza.

No theatro da Rua dos Condes, onde tantos talentos fizeram epocha, tem a Lopiccolo manifestado por fôrma tão inconfundivel a maleabilidade das suas aptidões artisticas, que a sua curta estada ali lhe tem grangeado uma ininterrupta série de triumphos.

Merecidas ovações têm sido essas porque Amelia Lopiccolo canta e representa por maneira a satisfazer os mais exigentes. A imprensa diaria da capital bem frisantemente accentuou a admiração do publico perante a apparição d'essa verdadeira *etoile* da opereta consagrando-lhe as suas melhores phrases de acolhimento e os seus melhores adjectivos laudatorios.

Ella é sem contestação a alma alegre, o espirito risonho que Schwalbach conseguiu tão brilhantemente espalhar pelos tres actos da sua engraçada revista *Agulhas e Alfinetes*. Na multiplicidade de papeis que lhe estão confiados, Amelia Lopiccolo attinge por vezes uma grande intensidade artistica de que o seu talento consegue sahir por fôrma a arrancar os bravos entusiasticos do publico, facto tanto mais difficil de produzir-se quanto é certo que ella é quasi extranha aos nossos costumes e ao nosso viver e lucta apesar de tudo com certas difficuldades de pronuncia quasi sempre irreductiveis a estrangeiros. A sua expressão phisionomica, a maleabilidade rara do seu rosto talhado para as expressões scenicas ajuda-a porém extraordinariamente e mesmo nas cançonetts estrangeiras que o publico não conhece, consegue ir até fazer comprehender ao espectador tudo o que a diversidade da lingua lhe não deixa perceber.

Para que os nossos leitores possam avaliar

o quanto é grande esse poder de expressão phisionomica, tão precioso á gente de theatro, e tão grande na distincta actriz ahí, na pagina seguinte, deixamos uma pequena prova para a qual ella tão gentilmente se prestou. São quatro instantaneos da cançoneta *C'est un gagá*, feitos expressamente para *O Branco e Negro*.





— *C'est un Gaga...*



— *Qui fait comme ça...*



— *Et puis comme ça...*



— *Et encore comme ça...*

PERALTAS E SECIAS



Marcellino Mesquita

Eu não sei se o feitiço de dizer mal por dizer mal, é um dos *tics* da nossa raça, se é qualidade inata de todos os povos; mas o que é verdade, é que nós encontramos sempre um certo prazer em descortinar *senões* e abocanhar tudo quanto é nosso... É um patriotismo que não se explica, mas que pôde desculpar-se talvez attendendo a que a raça latina atravessa presentemente uma phase de desoladores symptomas que estão bem patentes aos olhos de todos quantos queiram ver — contanto que alguém que tem olhos para ver — tenha alma para sentir...

Vem este preambulo um pouco á conselheiro accacio para fazer ver aos leitores quanto é erronea e falsa a opinião que de dia para dia, como um rastilho, se vae propagando de que não temos theatro portuguez nem auctores portuguezes — dramaturgos ou comedio-graphos — que nos livrem das traducções macarronicas com que ameudo o publico é mimoseado, sem contemplação de especie alguma pela arte nacional e sem o menor amor pelas nacionalissimas cedulas com que o *Zé* vae pagando os seus logares!...

Um dos escriptores portuguezes de mais solido talento, cujas obras theatraes já numerosas são sempre recebidas com particular sympathia, acaba de produzir mais um trabalho a todos os titulos valioso, e que é o desmentido mais energico e formal aos que ladrando á lua vão repisando o estafado motivo de que não temos auctores nem theatro portuguez. Quero referir-me á ultima comedia de Marcellino Mesquita, superiormente interpretada por Virginia, Ferreira da Silva e Augusto de Mello, — trindade fulgurante que illumina o palco do nosso theatro normal.

São os *Peraltas e Secias* uma comedia de costumes, um primor no genero, de magnifica observação, factura despretençiosa e, o que é mais raro ainda, com um enredo tam tenue e subtil que quasi dizer-se pôde, sem fugir á verdade, que Marcellino Mesquita não precisou de enredo para conservar accessa a attenção da plateia durante os quatro actos. Ora o enredo salva muita vez uma peça inferior; mas o que não succede, o que não havia exemplo de succeder é que se salvasse pelo bem trabalhado da linguagem, pelo bem definido dos caracteres, uma peça sem enredo... Conseguiu-o Marcellino Mesquita, porque teve a auxiliar-lhe o extraordinario talento a maneira prodigiosa por que sabe *carpinteirar* o theatro, prendendo o interesse pela habil disposição das scenas e pela sequencia correntia por que as mesmas se desenrolam aos olhos da plateia...

Os *Peraltas e Secias* são uma comedia de costumes, zincographando admiravelmente a vida dos salões aristocraticos do nosso paiz no fim do seculo passado. O filho-familia, ignorante e brigão, partilhando a existencia entre o convivio dos morgados estroinas e dos moços das cavalariças; o fidalgo bonacheirão e carola, o frade vicioso, o jesuita insinuante, toda, emfim, a série de tipos mais ou menos comicos do fim do seculo passado e principio do actual, Marcellino Mesquita conseguiu surprehender em flagrante, reproduzindo-os com maestria.

Na obra theatral do auctor da *Leonor Telles* e do *Regente*, os *Peraltas e Secias* subsistiram como um trabalho cheio de vida e graça, e não deixam de constituir mais um bello documento historico de proveitosa lição para quantos queiram estudar a epocha pelintra a que a intelligencia de Pombal poz um termo, com a sua salutar influencia reformadora.

Do desempenho, já dissemos que foi primoroso por parte da grande actriz Virginia, de Ferreira da Silva e Augusto de Mello. A justiça manda tambem que se registrem os nomes dos actores Posser, Gama, Cardoso Galvão, Fernando Maia e Carlos Santos e o das actrizes Laura e Delfina Cruz — que todos procuraram contribuir para o bello exito da peça.

CARAS E CARETAS



... O Branco e Negro ...

SOARES DOS REIS

LEVANTE-SE a lousa que encerra o grande genio artistico, Soares dos Reis, e collocemol-o no pedestal sublime da arte.

Educado no commercio, o notavel artista, por um d'esses sentimentos grandiosos, dedicou-se com ardor ao estudo das Bellas Artes, enaltecendo-se entre a indiferença dos que o não attingiam e a inveja dos seus admiradores.

Natural do Porto, filho de um modesto commerciante, iniciou a sua carreira artistica frequentando as aulas nocturnas na escola de Bellas Artes d'aquella cidade.

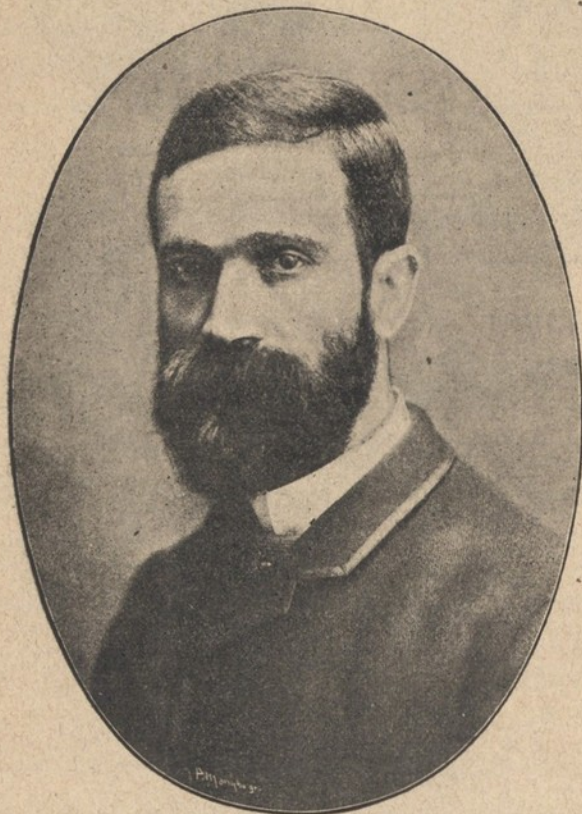
A rapidos traços, o novo artista evidenciava o fogo sagrado da arte, causando a admiração dos seus professores.

Subsidiado pelo Estado, foi para Paris, onde esteve até 1870, seguindo depois para a Italia, onde concluiu os seus estudos.

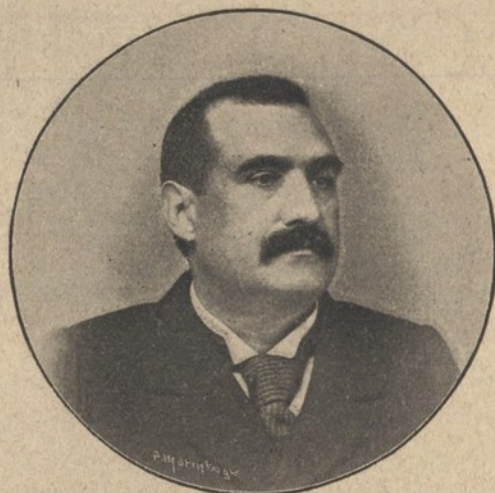
Foi em Roma que Soares dos Reis se inspirou para *O desterrado*, que reproduzimos na capa do nosso semanario.

A expressão sentida d'essa valiosa escultura, a correcção das linhas, o abatimento, a forma natural como a figura descança, definem bem nitidamente o valôr do artista.

Não é grande a lista dos seus trabalhos, mas todos elles são verdadeiros thesouros da Arte nacional, como as estatuas do *Conde de Ferreira*, *D. Affonso Henriques*, *O artista na infancia*, *O abandonado*, etc.



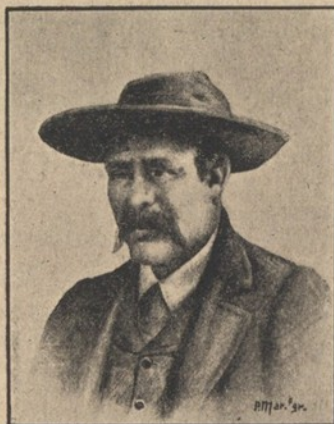
O CRIME D'ALMADA



Dr. Frota
juiz que presidiu ao julgamento



Dr. Horta e Costa
delegado do ministerio publico



O Bigode



O conselheiro Pessoa
defensor do Bigode



Casa do tribunal de Almada



O marido e o filho da victima

SIMÕES DIAS



Aos 20 annos

GRANDE poeta e infeliz homem esse que a morte ha pouco libertou da vida que tão madrasta lhe foi!... Rara e grande organização de artista e de litterato, Simões Dias, era uma das mais brilhantes figuras da nossa litteratura contemporanea.

A sua vida foi o evangelho de um grande e féro combate com a adversidade. Seu tio, o lendario e inesquecivel padre Simões, de Coimbra, começára a educal-o com destino á carreira ecclesiastica. A's tendencias espirituaes e affectivas de Simões Dias repugnava porém a tonsura. Forçoso foi, pois, romper com o velho padre e quebrar o obstaculo que o pretendia acorrentar a esse destino. Mas surgiu então a adversidade. Para poder bacharelar-se em direito precisou de viver uma vida de trabalho ingrato e duro. Allumiava-o porém, a luz forte do seu grande talento poderoso e principiava a alvorecer para elle esse grande amor da sua vida que mais tarde o havia de turturar.

Como esses companheiros, facil lhe foi, pois, vencer a primeira etapa da viagem por essa montanha escavada e ingreme que o destino lhe

atirára á frente como uma ameaça e um desafio.

E venceu. A gloria chegou. Mas o artista festejado não era o homem feliz. Sob a physionomia do poeta vivia o homem torturado pela desgraça. Singular contraste d'esse grande espirito! Quem o lèr, não descobre atravez dos seus versos, tão simples e tão bellos, ou sob rutilancia doce da sua prosa correcta e alegre, as tempestades que agitaram o seu grande e infeliz coração que, ferido por tantos e tão sangrentos combates, cahiu vencido como um grande luctador estenuado!

Pobre e bom Simões Dias!

O seu grande e luminoso espirito deve porém ter partido contente ao vêr que o corpo que o conduzira nas rudes batalhas da vida baixava á terra rodeado pelas creanças por quem tanto trabalhara para lhes abrir o caminho do Saber.

Abençoados os que assim morrem sob as preces dos innocentes.



Quando falleceu

VÊ LÁ

Ando a scismar nos teus modos ;
Vejo-te ha dias tão triste,
Que ou tu andas mal comigo
Ou já o amor não te assiste !

Algum peccadito... a gente
Bem vês, não póde ser santa ;
Se todos somos de barro
Quem é que d'isso se espanta ?

Confessa : pois se adivinho
Porque me negas ? Segredo
Que tu me digas é como
Se o disseras a um penedo.

Olha que eu sou como um tumulto
Discreto e leal, repara.
Mas lá te pões tu de esquiua
A tapar com as mãos a cara !

Que envergonhada creança
Tu me pareces ás vezes !
Ora Deus te não castigue
Ao cabo de uns certos mezes !...



EM S. Carlos, que ao entrar a primavera deve encerrar a presente temporada, uma das mais brilhantes de que ressam os annaes do velho theatro, subiu á scena a 13 do corrente a *Serrana*, a nova opera do nosso dis-

tineto compatriota Alfredo Keil, da qual nos occuparemos no proximo numero.

A companhia Rosas e Brazão, que tem feito uma época devéras excellente, no theatro D. Amelia, continúa a repetir o antigo repertorio, intercaldando essas *reprises* com algumas peças novas taes como *O que morreu d'amor* e o *Fiscal dos Wagon-leitos*.

No sabbado. realisou-se a annunciada representação do velho drama de Giacommetti, *Maria Antonietta*, peça de grandes effeitos scenicos, e fonte segura de grandes caudaes de lagrimas. Agradou, nem outra cousa era de esperar, pelo interesse que desperta e pela excellencia do desempenho, confiado aos primeiros artistas do theatro. Reappareceu no drama, e no seu antigo papel, a distincta actriz Amelia Vieira, de ha muito affastada do palco, onde tem um logar notavel. Escusado será dizer que representou o personagem com todo o brilho do seu talento dramatico.

Está em ensaios o drama *Amor de Mãe*, original do nosso distincto collega da *Tarde*, o sr. Hygino de Mendonça, devendo subir á scena segunda feira proxima.

Peraltas e Sécias, a brilhante comedia de Marcellino Mesquita, logrou despertar um grande interesse aos frequentadores do velho theatro de D. Maria, onde as peças historicas não andavam ha muito em cheiro de santidade.

N'outra secção do presente numero se falla mais longamente do valor d'esta comedia.

Falstaff, adaptação, ou como queira chamar-se-lhe, feita pelo sr. Sousa Monteiro da peça de Shakespeare, deve subir á scena a 18 do corrente talvez. Augusto de Mello faz o protagonista.

Na Trindade, deve representar-se no dia em que apparece este semanario uma nova opereta do popular auctor Luiz d'Araujo, que nos dizem basear-se nos mesmos motivos das *Intrigas do bairro*, a velha farça que tanto dinheiro deu a varios empregarios.

O Gymnasio tem em scena o *Flôr de Larangeira*, comedia de Schwalbach, de que uns dizem muito bem e outros muito mal. O velho e glorioso Taborda toma parte no desempenho.

Ao saber do excepcional agrado com que o Porto recebeu o desempenho da *Casa de Boneca*, de Ibsen, pela companhia de Lucinda Simões, o empregario d'este theatro, convidou a distincta actriz a representar no Gymnasio a famosa peça ao publico lisbonense.

O espectáculo realisou-se terça feira, agradando muito a comedia que tão discutida tem sido, e o desempenho, havendo a especialisar a fórmula primorosa porque Lucilia Simões interpretou o estranho personagem de *Nora*.

Continúa no Avenida a *Pera de Satanaz*, velha magica de Garrido, agora posta em scena com um esplendôr extraordinario.

No Principe Real, exgotado o velho repertorio, uma peça de grandes effeitos dramaticos, em que entram mesmo leões de carne e osso, D'ella nos occuparemos no proximo numero.

Agulhas e Alfinetes é o nome da revista de 1898, actualmente em scena, com grande exito, no theatro da rua dos Condes. É uma peça alegre, cheia de *verve*, e que apresenta um desempenho primoroso. A estrella do theatro, a endiabrada Lopiccio, tem os principaes louros d'este enorme exito.

Restam os Coliseus. No maior de todos, acabou-se a época de inverno, mas o Coliseu inaugurou a época de theatro com uma companhia de variedades, composta de excellentes artistas.

No outro, no velho, da rua da Palma, uma companhia de opera comica portugueza tem explorado, com pequeno exito, varias peças do genero. Tem grandes esperanças em uma revista de Salvador Marques e Penha Coutinho, intitulada *A Geringonça*. Quando este jornal apparecer a lume, já essa revista deve ter subido á scena.

Falla-se n'uma grande novidade theatral: o apparecimento em Lisboa, da companhia Giovannini, actualmente no D. Affonso, do Porto, onde tem tido um exito assignalado. É vasto e complexo o repertorio d'essa companhia, que abrange operas, operetas e zarzuellas. Disputam-na varios empregarios de Lisboa: De tres sabemos nós, que empenham para isso os maximos esforços.— Quem poderá cantar victoria? Não sabemos, embora nos palpite que os amadores do genero não terão de fazer grandes subidas para gosarem os espectaculos d'essa companhia. A viagem será sempre plana, até alli ás proximidades do largo de S. Domingos, Portas de Santo António, ou coisa assim...

ANTONIO MARTINS

DE todos os ramos de *sport* é com certeza a esgrima um dos primeiros, portanto parece-nos acertado inaugurar esta secção, publicando o retrato de Antonio Martins, uma das nossas

mais genuinas glorias artisticas. Porque Antonio Martins tem feito assaltos com os principaes espadachins da Allemanha, França, Austria, Italia e Hespanha, e ainda nenhum o logrou vencer, antes bem pelo contrario a muitos derrotou.

Foi discipulo dilecto do incomparavel Henry Petit, o garboso francez que por bastantes annos esteve entre nós e que, se vivo fôra, bendiria os momentos que empregou ministrando o ensino da sua arte a quem hoje tanto a honra.

Antonio Martins é socio correspondente da Academia d'armas de Paris e professor de S. M. El-Rei D. Carlos, de S. A. o Principe Real, das Escolas do Exercito e Naval, do Gremio Litterario e do Real Gymnasio Club Portuguez. Fundou e dirige a Escola Nacional de Esgrima, de que são socios contribuintes e acerrimos frequentadores da sala d'armas as nossas summidades da politica, do exercito, da marinha e do mundo elegante.

As provas publicas dos seus alumnos realizadas no Salão da Trindade com a assistencia real, e de tudo o que Lisboa tem de distincto, foram decisivas. Por ellas se viu quanto lhe devemos e como no nosso publico se vae arreigando o gosto pelo jogo das armas.

Quasi todos os professores de esgrima do nosso paiz, quer militares ou paisanos, foram seus discipulos, e a elle tambem se deve o unico *Manual de Esgrima*, que existe no nosso idioma.

O senhor D. Carlos tem em tão subido apreço o merecimento de Antonio Martins e reconheceu tanto valor a esse livro, que agraciou o seu auctor com o officialato de S. Thiago.

No peito do nosso biographado já scintillavam entre outras veneras os habitos das ordens de Christo e S. Thiago.

Quando novo notabilizou-se como forçado amator, pela coragem e distincção com que effectuava as pégas, sendo o grupo de que era cabo, um dos mais luzidos e garbosos que tem apparecido nas nossas arenas. Na nautica tambem se evidenciou, havendo até a interessante circumstancia de ser a tripulação de que fazia parte, a primeira que ganhou uma regata aos inglezes.

Eis em poucas e desprezenciosas palavras o que é e tem sido Antonio Domingos Pinto Martins no mundo sportivo. Na vida particular é um perfeito cavalheiro, possuidor d'um bondoso coração, e do mais fino trato, captivando sobre maneira todos os que com elle lidam.

PETRUS.



HYGIENE ELEGANTE

SER FORMOSA

Eis a preocupação vehemente e natural da mulher, que se manifesta a cada passo pelos mil cuidados empregados pela mais bella metade do genero humano para augmentar e realçar os predicados que em dote lhe couberam.

A natureza nem sempre é prodiga na distribuição dos dons, que extrae do seu cofre inexaurivel.

Umaz vezes, a pelle é oleosa e grosseira, cheia de pontos negros; outras, sêcca, luzidia, arrugada, ou coberta de borbulhas. São immensos esses pequenos defeitos, essas pequeninas misérias, origem de uma multidão de cuidados, nem sempre efficazes, quando a sciencia não vem em auxilio do bello sexo com as suas salutaes e engenhosas prescripções.

Quantas tranças elegantes e ondeadas começam a cahir pouco a pouco, devoradas pela caspa, quando seria tão facil affastal-as d'esse perigo vulgarissimo! E os olhos que perdem o brilho? E o nariz que se avermelha e inflamma? E a magreza por vezes excessiva? E a obesidade, esse pesadelo da elegancia?

Tudo isso tem remedio na maior parte dos casos, e crêmos prestará um verdadeiro serviço ás nossas leitoras quem tomar a seu cargo libertal-as de tantos flagellos e contrariedades. Eis o fim d'esta secção do *Branco e Negro*, onde certas questões de hygiene e de medicina, expostas com uma clareza attrahente, procurarão contribuir para tão agradavel resultado

A boa dona de casa não será esquecida tambem n'esta secção, de que nós encarregámos com bastante prazer. Conselhos uteis as auxiliarão nos cuidados que lhes inspira naturalmente a saude do marido e dos filhos, e em todas as preoccupações e exigencias do *ménage*.

Se não podermos prevêr todos os casos, ás leitoras fica a faculdade de nos consultarem. Pódem fazel-o com a maxima confiança, na certeza da completa discrição a que nos obriga o dever profissional.

E até ao proximo numero, em que nos occuparemos de um assumpto que esperamos despertar o interesse das nossas leitoras.

DR. PHYLOGYNO.

SECÇÃO RECREATIVA

Marmellada de damascos—Escolhem-se os mais sãos e maduros, abrem-se o bastante para lhes tirar os caroços, e cosem-se em um tacho de cobre (não estanhado, mas cuidadosamentelimp) até que a pellicula exterior se separe facilmente da polpa; em seguida amassam-se e fazem-se passar por um peneiro de crina, de modo que só fiquem as cascas que não se aproveitam. Peza-se a massa e junta-se-lhe quantidade igual de assucar areado; deixa-se por espaço d'uma hora a mistura em repouso, mechendo-a de vez em quando, e colloca-se a fogo brando, que gradualmente se activa até ferver por espaço de 10 minutos, após a fervura pode metter-se nos covilhetes em que houver de guardar-se. Querendo juntar-lhe amendoas, descascam-se da pellicula por meio da agua a ferver e espalham-se na massa na occasião de a distribuir.

Anecdota—Dois francezes que se tinham na conta de espertos, encontraram nas ruas de Paris os rapazes d'um collegio cujo uniforme se parecia com o que usavam os surdos mudos.

—Ali vão os dicipulos do abbade Sicard, disse um para o outro. E adiantando-se perguntou aos rapazes :—meus amiguinhos, vós sois surdos-mudos?

— Sim senhor, respondeu um dos collegiaes zombeteiro com voz de falsete.

Então o interrogante voltando-se para o companheiro com ar de satisfação :— Bem dizia eu são os surdos-mudos: logo os conheci pelo uniforme.

LOGOGRIPO

Amo tanto certa actriz
Que lhe chamo sempre assim; 5, 6, 4, 2, 7, 10, 9.
E o seu amor, que é a giz
Não tem medida, isso sim! 11, 8, 1.

Oh! mas ganha muito bem
Mesmo sem haver funcção; 10, 7, 11, 2, 7, 9.
Não julguem favor porem,
Pois é uma obrigação. 3, 4, 7.

Ninguem embaça
Dizer que a farça
Tem muita graça
E tem comparsa.

PETIT-POULET.

(A decifração vem no proximo numero)

ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

PHOTOGRAPHIA ALLE-
MÃ, 158, Avenida Liber-
dade—211, Rua S José. Re-
tratos até tamanho natural—
Instantaneos de creanças.

PENHORES. Vende-se mui-
to barato objectos de ouro,
prata brilhantes e relógios.
Casa de empréstimos, Rua de
S. Bento, 43.

TABACARIA DA MODA.
R. N. do Almada, 122. Ta-
bacos nacionaes e estrangei-
ros. H. Alves antigo emprega-
do da Tab. Estrella Polar.